

Juros subirão um pouco

O Comitê de Política Monetária (Copom) surpreendeu o mercado ontem ao divulgar uma ata — referente à reunião da semana passada — muito mais “light” do que se esperava. Os diretores do Banco Central não só avisaram que o aumento da taxa básica de juros está chegando ao fim, como minimizaram a maior parte dos riscos inflacionários que levaram o Comitê a elevar a Selic por seis meses consecutivos, de 16% para 18,75% ao ano. O Copom ressaltou, porém, que os juros vão continuar altos por um longo período, até que esteja convencido de que a inflação realmente convergiu para os 5,1% fixados como meta.

Na avaliação do economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros, o discurso mais leve do BC indica que a Selic subirá somente 0,25 ponto percentual em março, mantendo-se em 19% até o final do terceiro trimestre deste ano. Nuno Câmara, economista do Dresdner Bank em

Nova York, é um pouco mais conservador, e estima que o aumento da Selic em março será de 0,5 ponto. “Apesar de os índices de inflação estarem baixando, os núcleos — que descontam movimentos atípicos de preços — se mantêm em patamares próximos de 7% ao ano, incompatíveis com a meta perseguida pelo BC”, disse Câmara.

Complacência

A queda da inflação, por sinal, foi confirmada pela divulgação ontem de dois indicadores. O Índice de Preços ao Consumidor da Fundação Instituto de Pesquisas da Universidade de São Paulo (IPC-Fipe) ficou em 0,37% na terceira quadrissemana do mês, abaixo do 0,49% da segunda-prévia. Já o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) de fevereiro teve alta de 0,30%, abaixo do 0,39% do mês anterior. Tal redução, no entender do economista-chefe da SulAmérica Investimentos, Newton Rosa, já reflete parte da baixa do dólar

Marcelo Ferreira/CB/22.1.05



ALIMENTOS À VENDA: QUEDA DE PREÇOS CONTRIBUI PARA REDUZIR A INFLAÇÃO, CONFORME PESQUISA DA FGV

frente ao real. Uma queda nos preços de alimentos no atacado também contribuiu.

Para o economista Carlos Thadeu Filho, a mudança de ata do Copom mostra que os diretores do BC finalmente re-

conheceram que a inflação não era tão ameaçadora como vinha ressaltando. Ele acredita ainda que o BC está mais tolerante com os atuais níveis de preços e será mais complacente daqui por diante se a infla-

ção insistir em ficar um pouco acima da meta de 5,1%. “A tendência é de a inflação se acomodar em 5,5%. E o saldo que ficará da forte elevação dos juros será o aumento da dívida pública”, destacou. (VN)